



Feira da Agricultura Familiar e Economia Popular Solidária

Territórios Inhamuns e Crateús

Sumário

03	Feira de Crateús costura os fios de 15 anos de história	08	A ciranda dos encontros da Feira de Crateús	
10	Fórum de Mulheres do Semiárido Brasileiro		12	Cultura e resistência na Feira de Crateús
13	Intercâmbio nacional debate Economia Solidária	14	Encontro reúne pescadoras/es do mar e da água doce	

Esta é a sistematização em revista da XV Feira da Agricultura Familiar e Economia Popular Solidária dos Territórios Inhamuns e Crateús.

Fotos: Monaiane Sá; Berenice Rivolta; Raquel Dantas; Victor Iury; Lorenza Strano; Mirna Sousa Sales; Morgana Damásio; Osnilda Lima; Maiara Evaristo; Manoel Leandro; Crys Machado; Joana Almeida. **Projeto Gráfico e Diagramação:** Eraldo Paulino; **Revisão:** Andreza Alcolumbre.

Feira de Crateús costura os fios de 15 anos de história

Por Raquel Dantas

Nos primeiros anos da década de 2000, o Semiárido testemunhava uma revolução em sua própria história. Milhares de famílias nas mais diversas localidades da caatinga e do cerrado brasileiro começavam a acessar água de qualidade para beber através da construção de cisternas. Uma tecnologia simples que abriu caminho para modificar a narrativa política que sustentou por mais de século a ideia de que o clima era responsável pela pobreza que assolava a região. O paradigma do combate à seca deu lugar à convivência com o Semiárido. E a sabedoria popular em relação à agricultura e à natureza foram sendo reavivadas e ganhando força novamente na identidade e cultura dos povos destes territórios do país.

Aqueles anos também foram de boas médias de chuvas no Ceará, o que aliou boa produção de alimentos pelos agricultores, melhora na qualidade de vida das

famílias e um movimento de organização popular em associações e cooperativas para a comercialização de seus produtos. É neste cenário que surge a Feira da Agricultura Familiar e Economia Popular Solidária de Crateús e Inhamuns em 2005, idealizada e construída pela Cáritas Diocesana de Crateús, FETRAECE e Secretaria Municipal de Agricultura do município junto com agricultores e agricultoras familiares, artesãs e artesãos.

“Pra mim (a feira) tem muita importância. Tanto é bom pra minha saúde, como eu acho bom me dar com o povo, com os fregueses”

“Eu sou um dos promovedores da primeira vez”, afirma orgulhoso o agricultor Zé Maria, da comunidade de Santana, em Crateús, ao adentrar nas sensações que a memória o faz reviver. “Pra mim (a feira) tem muita importância. Tanto é bom pra minha saúde, como eu acho bom me dar com o povo, com os fregueses”, revela com a sua alegria característica.

A feira afetou e foi afetada por diferentes contextos climáticos e políticos, que foram dando a sua história a notoriedade



alçada pela persistência e pelos objetivos mobilizados em sua construção.

A Feira acompanhou a fartura dos quintais produtivos da agricultura familiar, com as várias tecnologias sociais que deram condições de armazenamento de água também para a produção. Isso se deu a partir de 2007, através dos programas de Convivência com o Semiárido estruturados pela Articulação Semiárido Brasileiro (ASA). A cada novo mês de junho, agricultoras e agricultores da região já passam a ter como certo o espaço da Feira para a comercialização de seus produtos, o que continua se estabelecendo para mais e mais produtoras/es, não só dos sertões de Crateús e Inhamuns, mas de outras regiões do Estado, e mesmo de fora do Ceará.

Também foi testemunha da resiliência do povo do campo e, ela mesma, sinal de resistência quando se manteve viva em todos os sete anos de uma das estiagens mais rigorosas que o semiárido atravessou, de 2012 a 2018. Agricultoras e agricultores mantiveram suas produções, ainda que fragilizadas/os, e foram a força que sustentou a decisão de mantê-la.

Tal determinação foi sendo cultivada ao longo deste percurso temporal. Muito

além dos dias que movimentam o território em junho, a feira se faz na construção coletiva ao longo de todo o ano, em encontros, reuniões e formações. Tão representativa que é, sua potência e significado se espalhou pela região em diversas feiras municipais mensais e anuais – tal como a grande Feira - organizadas pelas/os feirantes em suas localidades.

Novos tempos para fortalecer os propósitos originários

A Feira acompanhou a fartura dos quintais produtivos da agricultura familiar, com as várias tecnologias sociais de armazenamento de água

Nos dias 05 e 07 de junho, a Praça Gentil Cardoso – também testemunho de outros tempos e do ideal de um país sem miséria e injustiças com seu monumento à Coluna Prestes – se preparou para receber mais uma Feira. Vários outros espaços de Crateús e comunidades de municípios da região ofereceram os ares e a movimentação que o território já conhece e abraça.

Foram mais de 350 feirantes, cerca de 30 entidades envolvidas na construção - entre organizações sociais, movimentos, instituições de ensino e poderes públicos -, e cerca de mil colaboradoras/es voluntárias/os.

Esse ano, o tema escolhido foi “O cuidado com a Casa Comum”. Da feira que se estabeleceu pela convivência com o Semi-

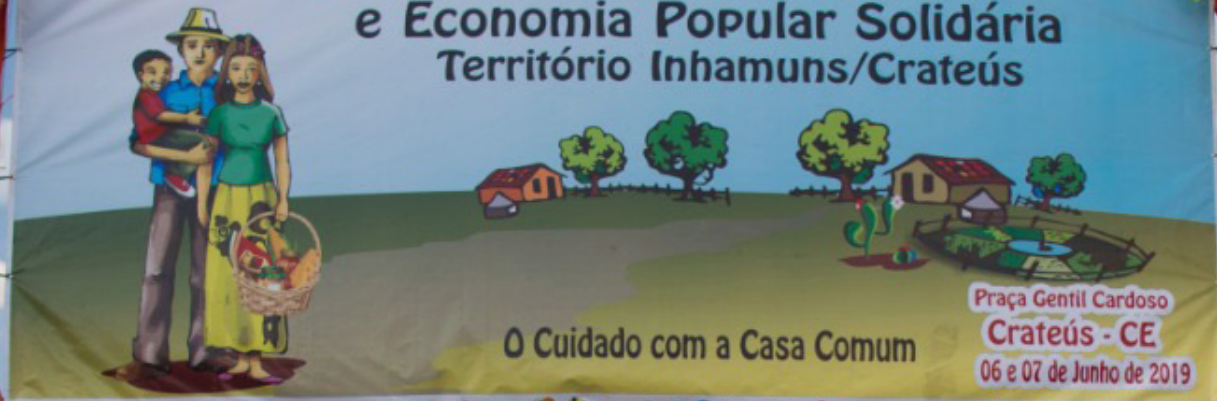
árido, pela agroecologia, pela agricultura familiar, pela economia popular solidária, pelo consumo consciente e justo e pela preservação da vida e da mãe terra, nada mais afinado do que esta temática para a edição celebrativa de quinze anos.

Por esta razão também se dá a sua realização todos os anos durante a Semana do Meio Ambiente, proporcionando a quem a constrói e quem participa não perca de vista a relação intrínseca da Feira com uma proposta de vida capaz de promover o equilíbrio na relação entre seres humanos e natureza.

Consciência ecológica se entrelaça com a solidariedade e a sororidade na história da artesã Nonata Linhares. Da aproximação com um grupo de mulheres articulado pela Cáritas de Crateús, ela se tornou voluntária, fez um curso de joias sustentáveis com reaproveitamento de garrafas e frascos de plástico e repassou o que aprendeu para outros grupos de mulheres. “O que me motiva é o amor pelo grupo, pelas coisas que a gente aprende a fazer e pela amizade”, revela quando questionada sobre seu estímulo para participar da Feira.

Maria Cilene, de Independência, é do time de feirantes veteranas e nunca deixou de participar de nenhuma das edições até agora. A produtora de remédios caseiros traduz um dos princípios da troca solidária: “o intuito da gente vir pra feira não é só vender

XV Feira da Agricultura Familiar e Economia Popular Solidária
Território Inhamuns/Crateús



O Cuidado com a Casa Comum

Praça Gentil Cardoso
Crateús - CE
06 e 07 de Junho de 2019





É muito bom a gente vender e também comprar dos outros. A gente não quer só pra gente, a gente se unir uns com os outros”. Lição para os tempos de escassez e de abundância.

Depois do difícil período de estiagem, desta vez o inverno foi generoso. “Muita fartura da roça, do curral, tem de tudo aqui. Foi uma fartura este ano, graças a deus!”, comemora Zé Maria.

Para os novos tempos, o desafio contextual que se impõe à Feira é, acima de tudo, se manter como perspectiva mobilizadora das forças populares em torno da defesa dos modos de existência que promovam a vida, e que tanto diz sobre os princípios que guiaram o seu percurso até aqui.

Não é à toa que a cada ano novos grupos sociais se somam a esta ciranda popular para congregar lutas. Nesta edição, a Rede de Juventudes do Ceará realizou um intercâmbio de diálogo e articulação política sobre a realidade juvenil do campo e da cidade com a Rede de Jovens de Seridó/Rio Grande do Norte. Também houve troca das juventudes com outros grupos em encontros paralelos. A jovem Helena Soares, da comunidade pesqueira Caetanos de Cima, foi trocar saberes do seu território com os participantes na plenária do II Encontro Interestadual das Pescadoras e dos Pescadores Artesanais. Mulheres e grupos produtivos também ocuparam os espaços da Feira

no III Encontro Nacional de Mulheres e no Encontro dos projetos de Economia Popular Solidária, ambos promovidos pela Cáritas Brasileira.

As trocas envolveram muitos outros atores nas oficinas, seminários e intercâmbios, como a categoria sindical das/os trabalhadoras/es rurais, as/os professoras/es e educadoras/es comprometidos com a educação contextualizada, as/os técnicos agrícolas, os/as guardiões/ãs de sementes crioulas, as/os médicas/os e as/os terapeutas comunitários, abrangendo uma gama imensa de conhecimentos a favor da vida. Uma ebulição produtiva se fortalece a cada edição da Feira.

Números da Feira:

1.300 pessoas envolvidas

33 Organizações

*Representantes de
22 Estados e 37
municípios*

*370 Feirantes - 70%
mulheres*

*Público de 20
mil pessoas*





A ciranda de encontros na Feira de C

“A Feira de Crateús hoje não é mais a Feira de Crateús, é uma feira nacional”, define Chico Antônio, agricultor e liderança de Viçosa do Ceará. A Feira em si acontece em dois dias, mas a ciranda de encontros aproveita essas datas como referência para promoção de eventos diversos. Originalmente, os espaços de formação se resumiam a um dia, em oficinas voltadas para as agricultoras e agricultores, que também eram abertas ao público. Atualmente, além das oficinas, são realizados intercâmbios, seminários e encontros que envolvem pessoas de todo Brasil.

A Feira acompanhou a fartura dos quintais produtivos da agricultura familiar, com as várias tecnologias sociais de armazenamento de água

Aproveitando o tema da XV Feira: “O cuidado com a Casa Comum”, os espaços de formação ajudaram um jovem do Rio Grande do Norte a aprender sobre crochê com mulheres de Nova Russas, que puderam entender sobre a vida de uma mulher pescadora de açude de Tauá, que teve oportunidade de dialogar sobre feminismo com uma baiana, numa colcha de retalhos que segue sendo costurada por mãos solidárias e resistentes.

Por Eraldo Paulino

A experiência da Feira da Agricultura Familiar e Economia Popular Solidária dos territórios Inhamuns e Crateús é feita de encontros. Um dos fatores que faz este ser o maior evento da região, um dos maiores do Ceará e uma das feiras mais importantes de todo Semiárido brasileiro são os aspectos colaborativo e formativo presentes em todas as edições. Porém, nos últimos anos essa ciranda de trocas de saberes ganhou sotaques mais diversificados.

e Crateús

Intercâmbios

Oficinas

RELAÇÃO DE EVENTOS

ENCONTROS NACIONAIS:

O cuidado da mulher com a Casa Comum: III Encontro Nacional de Mulheres

Uma nova economia que cuida: Projeto Redes e Feiras de Economia Solidária

A juventude que constrói o cuidado com a Casa Comum: Intercâmbio entre Redes de juventudes Ceará e Seridó-RN²

O cuidado com as pescadoras e os pescadores: II Encontro Interestadual de Pescadores de Açude

OFICINAS

Construindo possibilidades dentro da Casa Comum: Beneficiamento de Pescado

Harmonização com a Casa Comum: Práticas integrativas

O cuidado com o nosso alimento: Certificação de produção orgânica

O cuidado com a criação: Produção integrada de palma forrageira

O cuidado com as sementes: Resgate e a produção de sementes crioulas

Construindo o cuidado com a produção de alimentos: Produção agroecológica

A tecnologia que cuida da terra: Tendências tecnológicas para a agricultura familiar

SEMINÁRIOS

O cuidado com as trabalhadoras e os trabalhadores: Seminário do sindicalismo dos Sertões de Crateús

A educação que constrói o cuidado com a Casa Comum: Seminário de Educação Contextualizada para uma Cultura de Paz

O cuidado com as mulheres: Encontro Territorial de conselheiras e dos conselhos de direitos das mulheres

INTERCÂMBIOS

O cuidado com o meio ambiente: Conhecer a preservação da Caatinga (Serra das Almas)

O cuidado com o meio ambiente: Conhecendo o caminho das águas e gravuras rupestres (Cânion do rio Poty)

O cuidado com a educação: Vivenciando a Pedagogia da Alternância (EFA - Independência)

O cuidado com a educação: Vivenciando a Educação Contextualizada (Novo Oriente)

O cuidado com a educação: Políticas voltadas para a proteção da criança (Tamboril – CE)

O cuidado com a educação: A produção agroecológica no quintal e o Movimento em Defesa da Vida (Ipaporanga)



Sementes

Beneficiar pescado

Prod. em agroecologia

Fórum de Mulheres do Semiárido Brasileiro

Por Morgana Damasio

Uma roda de mulheres de mãos dadas, no meio do círculo o colorido de estandartes com fotografias de mulheres que inspiram a luta pela equidade. Em sincronia, os pés davam um passo à frente e outro atrás, como a maré, fazendo a roda girar. De longe se escutava “Eu vim do corpo da minha mãe, ela me deu semente boa. Nutriu meu corpo, espalhou bênçãos. Sou plantadeira de semente boa”. Foram estes versos que entoaram a ciranda, momento de mística e abertura do Fórum de Mulheres do Semiárido e Região Norte da Rede Cáritas, que aconteceu nos dias 05 e 06 de junho, em Crateús (CE).

O encontro integrou a programação da 15ª Feira da Agricultura Familiar e Economia Popular Solidária e foi mais um importante passo na construção coletiva de uma Política Nacional de Ação com Mulheres. Outro encontro similar ocorre em julho, em Santa Maria (RS) na 26ª edição da Feira Mundial de Economia Solidária, que reunirá mulheres da região sul e sudeste

do Brasil. Os momentos antecedem o Encontro Nacional de Mulheres, que acontecerá durante a 24ª Assembleia da Cáritas Brasileira.

“Devemos estar nos espaços de definição e construção e assumindo nosso objetivo central da missão, que é a construção do Bem Viver. As mulheres estão se organizando e pautando a Cáritas Brasileira no sentido de nos reconhecer e nos afirmar enquanto sujeito importante na construção desse bem viver”, explica Regilvânia Mateus, coordenação colegiada do Ceará e integrante do GT de Mulheres da Rede Cáritas.

Programação

O encontro foi iniciado com uma mesa de análise de conjuntura sobre a redução de direitos e os impactos sobre a vida das mulheres, economia solidária, convivência com o semiárido e Bem Viver. Em seguida, foi exibido o documentário *Sem Medo de Ser Mulher*, que resgata a

trajetória de empoderamento de mulheres da Bahia e Sergipe.

Houve três oficinas temáticas, onde foram partilhadas experiências desenvolvidas pelos regionais e pelas entidades membro na área de mulheres e mundo do trabalho, políticas públicas e enfrentamento à violência.

“Eu vim do ventre da minha mãe, ela me deu semente boa. Nutriu meu corpo, espalhou bênçãos. Sou plantadeira de semente boa”

Um momento de reflexão sobre a reconstrução do lugar da mulher na rede Cáritas mundialmente, na América Latina e Brasil, trouxe importantes elementos para apresentação de um instrumental, que subsidiará um diagnóstico da rede e apoiará a construção da política Nacional de Ação com Mu-

lheres.

Através das partilhas e discussões foram assumidos compromissos a curto, médio e longo prazo pelos regionais, a exemplo da continuidade de intercâmbios temáticos, a garantia de formação sobre

equidade de gênero para crianças, adolescentes e jovens e o fortalecimento das articulações com os movimentos de mulheres e a incidência nos espaços políticos.

Histórico

A Cáritas Brasileira tem uma trajetória marcada por uma forte presença feminina e pelo fortalecimento da mobilização,

organização e formação de defesa dos direitos das mulheres, visando uma incidência qualificada nos espaços de proposição, controle e garantia de direitos. Desde os anos 90 a rede tem realizado encontros com o objetivo de sensibilizar homens e mulheres para uma maior compreensão da realidade da mulher, percebendo as experiências já existentes na rede, construindo compromissos e estratégias para o futuro.

“Devemos estar nos espaços de decisão e construção e assumindo nosso objetivo central de missão, que é a construção do Bem Viver”



Cultura e resistência na Feira de Crateús

Por Eraldo Paulino e Aline Moura



A Cultura é um dos pilares da Feira de Crateús desde o início. Não só para entretenimento das e dos participantes, mas principalmente enquanto gesto político, talvez por apresentar de uma forma mais lúdica a simbiose entre campo e cidade que está na gênese, no modo de ser do evento. São agricultoras e agricultores protagonizando a comercialização para a cidade, mas também são camponeses que agora estão na cidade partilhando produtos e saberes

com camponesas/es, assim como são pessoas que nasceram na cidade que podem conhecer quem produz, a matéria prima do artesanato que confeccionam e por aí vai. Enquanto isso o rap, o rock, o hip-hop, ritmos mais frequentemente associados à questão urbana, sempre dividem o palco com conjuntos de forró, xote, cordelistas.

E a XV edição desse grande encontro urbano/camponês mais uma vez levou uma multidão a três palcos distribuídos na praça que acolhe a atividade. Dezenas de artistas que de formas diversas fizeram dançar, cantar, pensar e sorrir, contribuindo para que a Feira de Crateús também partilhe outra riqueza produzida no Semiárido: a cultural. Uma cultura mágica, criativa e de resistência.

Cine Gênero aborda feminismo negro e a luta sufragista na Feira de Crateús

O Cine Gênero é uma iniciativa que trabalha filmes com a temática de gênero em espaços coletivos, sendo promovido pelo Projeto Contexto. Durante a Feira de Crateús de 2019, foram exibidos a conferên-

cia no TED da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie e o filme “As sufragistas”, seguido de debate sobre as temáticas abordadas.

No primeiro dia de cine, cerca de 70 pessoas debateram sobre a importância de lembrarmos das histórias das mulheres, sobretudo das mulheres negras, e de como uma educação contextualizada pode garantir essa memória. Verônica, da Cáritas do Crato, compartilhou o exemplo do trabalho que é desenvolvido em uma escola quilombola, que considera a memória ancestral e reivindica uma educação quilombola diferenciada.

No segundo dia, 14 pessoas participaram de roda de conversa sobre os direitos das mulheres e a evolução que tivemos até aqui. Algumas das mulheres presentes no debate não tinham conhecimento sobre a história da luta pelo voto feminino e todas as dificuldades enfrentadas pelas sufragistas. A maioria das mulheres eram idosas e se emocionaram com a coragem e obstinação dessas mulheres.

Intercâmbio nacional debate Economia Solidária

Por Felipe Lima

Promover a revitalização das feiras livres nos estados do Nordeste. Este é um dos objetivos do projeto Nossa Feira Popular e Solidária, fruto de parceria entre a Cáritas Brasileira e a Fundação Banco do Brasil, que realizou intercâmbio regional entre feirantes de 21 municípios atendidos pelo projeto, que beneficia quase três mil feirantes de quatro estados. O seminário ocorreu de 5 a 7 de junho, no IFCE campus de Crateús, como parte da programação da XV Feira da Agricultura Familiar e Economia Popular Solidária.

O coordenador do projeto, Jaime Conrado, esclarece que essa etapa fecha um ciclo de intercâmbios já realizados nos estados atendidos pelo projeto: Bahia, Maranhão, Paraíba e Piauí. “Temos representantes dos 21 municípios atendidos pelo projeto e estamos discutindo os próximos passos”, relata. Jaime explica que a Feira da Agricultura Familiar foi uma oportunidade para realizar essa reunião: “Estamos aproveitando esse momento importante de Crateús para fazer esse intercâmbio regional, trazer todo mundo pra cá para conhecer a experiência daqui”.

O coordenador explica que a revitalização promovida pelo projeto consiste no atendimento da necessidade dos municípios de fortalecimento das feiras. Além da adoção de transações financeiras com o uso do cartão de crédito e débito, há capacitação na área da educação financeira. Mais que isso, o projeto prevê a substituição das barracas por modelos padronizados, além de outros equipamentos como jalecos, luvas, botas e balanças. Jaime Conrado também destaca a importância da destinação final dos resíduos sólidos. “Então esse projeto vem fortalecer e revitalizar a feira”, conclui.

Maria do Socorro Cândido, feirante de Demerval Lobão, no Piauí, demonstra alegria ao falar do projeto. “Para mim tem sido muito gratificante, porque estamos adquirindo mais conhecimento sobre a feira e sobre esse projeto”, conta. Em sua cidade, a feira comporta 60 comerciantes que estão sendo beneficiados pelo projeto. Ela atua na feira há três anos, vendendo pastel com caldo de cana.

Jamile Crispim, feirante de Canudos, na Bahia, também está satisfeita com o intercâmbio. “Está muito bom, há uma boa estrutura, estamos aprendendo mais sobre a fei-



ra, as experiências dos outros feirantes, de outros lugares”, conta. Ela relata que a feira de sua cidade possui 130 feirantes e que, embora seja feirante há três anos, está seguindo os passos da mãe, que atua no local há 30 anos. “Eu vendo cocada de coco com leite, doce de banana – lá é a terra da banana – e, quando está na época, fazemos o doce de umbu. Somos doceiras”, diz, orgulhosa.

Encontro reúne pescadoras/es do mar e da água doce

Por Lorenza Strano

Durante a XV Feira da Agricultura Familiar e Economia Popular Solidária de Crateús, pelo segundo ano consecutivo mais de 100 Pescadores e pescadoras do Ceará, da Bahia, do Piauí e do Rio Grande do Norte, se encontram no coração do Semiárido, para refletir sobre a situação da pesca, os direitos negados e as lutas comuns no II Seminário Interestadual de Pescadoras e Pescadores Artesanais de Águas Continentais do Semiárido Brasileiro, com tema “Criar laços e solidariedade entre pescadoras e pescadores”.

A primeira parte do encontro foi dedicada às falas das entidades que articularam o momento para a descrição do contexto da pesca e dos desafios que a categoria está enfrentando. “O distanciamento da cidade com as águas, a presença dos grandes projetos no território que contaminam e envenenam os nossos rios e o nosso pescado, são alguns dos problemas que precisamos compreender para a construção de uma pauta comum”, falou Soraya

Tupinambá, do Instituto Terramar.

“É preciso que os pescadores olhem para onde as mulheres estão se dirigindo, os nossos movimentos foram controlados por homens que rifaram o nosso destino e negociaram os nossos mandatos e agora a tarefa nossa é desconstruir e deixar espaço às mulheres, são elas que movimentam a pirâmide”, afirmou Francisco Nonato do Nascimento do CPP .

“A gente está ganhando força como jovens e como mulheres, e nós temos que continuar a participar desses encontros”

As protagonistas absolutas do seminário foram as mulheres que, com as falas e as histórias delas ressaltaram as fragilidades e as forças de ser mulher na pesca. Para socializar as experiências das diferentes pescadoras presentes, foram apresentados documentários que as retrataram nos açudes e no mar.

“A gente está ganhando força como jovens e como mulheres, e nós temos que continuar a participar desses encontros porque inspiram as nossas ações” afirmou Raíla Marques do Nascimento .

Ameaça da mineração

Ao centro do debate foi colocado também o tema da mineração que está violando os direitos das comunidades pesqueiras de muito estados do Brasil. As águas e o pescado estão contaminadas, as doenças estão aumentando e não há indenização que possa compensar o que está acontecendo.

Esse conflito desafia o cuidado com o meio ambiente e as tradições das pessoas que vêm cuidando do território. “A legislação não tem em conta as peculiaridades das comunidades pesqueiras. A atividade da pesca não é isolada, mas se realiza no conjunto de várias atividades como a agricultura, o artesanato, o turismo comunitário, fazendo desse modo de vida um modelo sustentável que ganha vida e cor na Feira da Agricultura Familiar de Crateús, a única que valoriza o pescado” argumentou Soraya Tupinambá.

Para ela, espaços como o da Feira de Crateús ajudam a tirar da invisibilidade essas comunidades tradicionais e as lutas por elas travadas com protagonismo e ousadia.



Realização e Patrocínio:

